

# Ideias de Reconstrução Social

Jornal "A Plebe", nº60, 14/04/1934 – nº63, 26/05/1934

---

Adelino de Pinho

Quem não conhecerá aquela fábula de La Fontaine da luta dos ratos contra os gatos? Os ratos, revoltados com as depredações do gato que os troçava sem dó nem piedade, que os matava e os comia sem nenhuma espécie de atenções, como gato que era, animal carnívoro que pensa naturalmente que os ratos haviam nascido propositadamente para ser seu alimento predileto, para deleite de seus dentes e consolo e substância de seu estômago, convocaram um congresso, para em reunião solene e plenária, em assembleia geral, estudar os meios mais próprios, as medidas mais viáveis a exterminar todos os gatos, ou pelo menos um meio de escaparem ao perigo de serem comidos ou exterminados, acabando assim a raça e suprimindo a espécie.

Após largos debates, depois de discutirem muitas propostas, uma apareceu aconselhando atar-se um guizo ao pescoço do gato, avisando de sua chegada, a qual aprovou-se com aplausos gerais dos congressistas, tal entusiasmo que despertou, sendo logo aprovada por unanimidade. Não foi bem assim, não chegou a ser aprovada por um rato experiente, um rato que raciocinava que enxergava longe, perguntou: E quem se encarrega de amarrar esse guizo ao pescoço do gato?

Ao entusiasmo de antes sucedeu uma frieza geral, uma decepção completa, um desapontamento total. Um desculpou-se em dizer que tinha medo do gato. Outro disse que não queria ser comido tão cedo, que pretendia viver mais uns dias. Outro disse que não podia deixar a companheira e os filhinhos sós no mun-

do, sem arrimo e sem auxílio. E de orelhas murchas foram dispersando para as tocas, antes que chegasse o gato de repente e lançasse as unhas e os dentes em alguns deles.

Essa fábula penetrante de La Fontaine, que passava na vida por ser um distraído, sem apego a nada, mas que era o mais profundo observador dos homens, dos costumes e das hipocrisias de seu tempo, vem-nos à mente ao escutarmos afirmações como estas: “O sindicalismo é um produto emergente da organização industrial moderna; não tem objetivo futuro; é um organismo de ação restrita e limitada, que só cuida da vida individual dos sindicatos: os operários, pacíficos por natureza, incapazes de gestos fortes e aguerridos e por tanto impotentes para fazerem a revolução, para derrubarem a burguesia e o Estado armado até os dentes com os apetrechos mais modernos e de poder destrutivos mais violentos e eficientes”, etc.

Numa sociedade cheia de apostemas, podridões e mazelas, constituídos os sindicatos por operários rudes, que na hora de ingressar na escola, ingressam ao contrário na oficina, indo amassar, desde a mais tenra idade, o pão que comem com o suor do próprio rosto, não é de admirar que a sua organização esteja longe de satisfazer as necessidades que o momento requer e que os trabalhadores deixem muito

a desejar no sentido da sua educação sindical, na sua orientação ideológica e revolucionária.

Mas sendo o homem imperfeito, e a sociedade e o ambiente em que vive imperfeitíssimos, como é que as suas instituições não se devem resentir de semelhantes falhas?

Contudo, isso onde estaria o movimento sindical operário se o tivessem desenvolver normalmente? Se todas as vezes que tomou incremento e que alargou o seu raio de ação não tivesse sido sufocado pela força, estrangulado pela violência, abafado por todas as séries de crueldades: destruídas e fechadas as suas sedes; presos, condenados e expulsos os seus paladinos mais sinceros, preparados e desinteressados; suspensos os seus jornais, arrebatados os seus móveis e suas bibliotecas; desterrados os seus membros para regiões inóspitas e mortíferas, as Clevelândias de todo o mundo e onde tantos abnegados têm perdido a vida e a saúde, onde estaríamos, pergunto eu, sem esses embaraços extremos, sem esses empecilhos difíceis, sem esses contratempos, contristados, brutais e arbitrários? Onde estariam esses ratos sem a presença cruel e violenta do gato?

É que a gente não faz o que quer, o que deseja, o que aspira. Faz o que pode, somente o que as fracas forças, as fracas possibilidades nos permite fazer. Somos poucos, e nem sempre melhor

orientados. Nem sempre há unidade de vistas e consciência das necessidades. E encontramos pela frente um inimigo irredutível que nos impede o passo, que nos veda a passagem, não só armado e municiado de ponto em branco, como entrincheirado por detrás duma muralha de privilégios, de tradições, de leis, de superstições e defendido, justificado, endeusado e instigado por milhares de jornais que dia e noite espalham pelo mundo as mais absurdas atordoadas, as mais incríveis mentiras, as mais torpes fantasias, os mais vergonhosos achincalhes contra aqueles que tendem à conquista dum mundo novo, que querem que a paz e a harmonia reinem perenes no mundo e que por isso mesmo pretendem derubar esta sociedade burguesa baseada na propriedade privada, na exploração e domínio do homem pelo homem, no embrutecimento e escravização dos pobres, dos proletários, para que este regime se prolongue e perpetue para o prazer, gáudio e deleite dos senhores, dos patrões, dos privilegiados.

Dizem: “o sindicalismo só vê o presente e está contente; só cuida de melhoras imediatas e obtidas elas [o trabalhador] dá boa noite às associações e já pensa que todas as questões estão resolvidas”. Esta crítica é exata, eu o confesso e reconheço, mas esta conduta do trabalhador é desculpável, se não justificável. Esta conduta justifica-se pela lei

do menor esforço, lei que tende a obter o máximo de vantagens com o mínimo de energias empregadas, de forças gastas, de labores despendidos. Dizei a uma criança, “toma”, e ela estende logo a mão. Agora se lhe disserdes, “dá cá”, já o caso é diverso.

É uma questão de egoísmo que se manifesta nas inteligências por evoluir, como são as crianças e como são os operários sem educação e sem instrução. O que os move é o interesse, uma vantagem qualquer. Quando se requer sacrifício, tenacidade, teimosia, tensão de espírito, energia de vontade, o caso muda de figura.

É preciso compreender, porém, que a vida, para a maioria dos homens é um fardo muito pesado, a conquista do pão para a boca é uma luta tão dolorosa e obsedante, o esforço para seu sustento é tão duro, contínuo e perene que lhe esgota todas as energias, incapacita-os para a compreensão dos seus próprios direitos, esgota-os física e mentalmente, tornando-os incapazes de uma pugna demorada, duma campanha obstinada, duma guerra assídua, cotidiana e prolongada. Tal é o estado que fica o trabalhador, que desde o berço até a velhice e desde a manhã até a noite corre para a oficina em busca dum magro ganho que não dá para a alimentação suficiente, para calçado e vestuários descente, para a normal manutenção da família quando a constitui.



Uns tostões de aumento no salário, uma hora ou duas a menos na jornada de trabalho, vale mais do que um futuro radioso de fartura, de liberdade, de abundância, com que ele concorda, mas que ele julga hipotético, pelo menos longínquo e afastado e do qual não participará.

Quando se expõem as nossas ideias de justiça, de igualdade e de solidariedade universal; quando descrevemos a sociedade futura em que todos produzirão conforme suas forças e consumirão conforme as suas necessidades ou conforme as possibilidades da produção, em que todos serão respeitados, não havendo nem mandantes nem mandados, senhores nem escravos, chefes nem subalternos, todos com direito ao estudo, aos espetáculos, ao alimento, ao vestuário, à habitação e ao trabalho, não há ninguém que não aceite, que não deseje, que não ache bom. Todos dirão: - “Assim é que deveria ser! Isso é que seria bom! Um mundo assim é que deveria existir!” Agora, se convidais essas pessoas para se reunirem, para se congregarem e para resistirem contra

a opressão e ao despotismo burguês e estatal, dificilmente achareis quem vos acompanhe. Dirão que é perigoso combater os senhores porque vos prendem e perseguem. Que os padrões os despedem e ficarão sem ter onde ganhar o pão da mulher e dos filhos. Citar-vos-ão aquele brocardo popular que diz: com teu amo não jogues as peras; ele come as maduras e dá-te as verdes, etc.

Sim, é preciso ter fibra para ter assiduamente de lança em punho contra a opressão reinante. É preciso ser dotado duma soma de energia muito grande e muito especial para permanecer firme na luta e arrostar com todas as suas possíveis consequências que elas possam proporcionar e desencadear.

\*  
\*   \*

É necessário ter uma dose de consciência e de conhecimentos históricos, saber como a humanidade vem escallando o caminho íngreme do progresso, passo a passo, luta a luta, conquista a conquista, vagarosamente, mas ininterruptamente, para se estar certo que

também nossa hora há de chegar num dia mais ou menos próximo ou remoto, mas que chegará com certeza matemática, e que as gerações futuras gozarão as delícias dessa transformação social, como nós também beneficiamos de algumas liberdades conquistadas pelos nossos antepassados, para nos mantermos na estacada, afrontando todos os vendavais da reação, todos os furores das castas acomodadas desencadeados contra os que, impávidos na luta, não cessam de combater aqueles que gozam de privilégios infinitos, em detrimento da humanidade sofredora, trabalhadora, espezinhada e escravizada.

Proclamam: “O sindicalismo anula os militantes anarquistas que pensam ir buscar lã e saem tosquiados, pois indo propagar seus princípios e ideias são, pelo contrário, absorvidos pelo interesse e pelo conservadorismo sindical”. Pode ser que sim e pode ser que não. Há exemplos a favor e contra. Vejamos alguns. Na França, por exemplo, os anarquistas que se alhearam da organização operária, do sindicalismo, do contato das massas e da convivência do povo; os anarquistas que se fazem uma grande ideia da sua individualidade, que formam um grande conceito de sua personalidade, anularam-se. Isolados em suas capelinhas, reduzidos a pequenas tertúlias literárias no seu desprezo pelas massas rudes e ignorantes, são, desde muito antes de Freud, a

demonstração completa das suas doutrinas: só se preocupam com a questão sexual, só estudam e propagam e cultivam a libidinidade.

Outro exemplo. Agora diferente. Em Portugal, por brigas e incapacidades com socialistas, os anarquistas tinham abandonado as associações de resistência, que andavam por lá a matroca dos acontecimentos. Um dia, porém, mais orientados, melhor inspirados, resolveram entrar nas organizações e fazê-las caminhar com o progresso e as necessidades dos trabalhadores. Em poucos anos fizeram maravilhas. O movimento operário tomou tal relevo, tal impulso e tal incremento, que foi preciso chamar os bombeiros Carmona e Salazar para acudir ao incêndio e apagarem o fogo que ameaçava acabar com a parasitagem instalada no governo e nas repartições públicas e com os exploradores sem entranhas do povo.

Pois bem, ainda culpam o sindicalismo de outros desvios e culpas. Acusam-no de todas as religiões e governos, partidos estão criando um sindicalismo sui generis, um sindicalismo amarelo, cristão, católico, legal, etc. E, então, que culpa tem o sindicalismo revolucionário, o sindicalismo verdadeiro, que outros o procurem desfigurar, anular, mistificar? Quem poderá impedi-lo? Quem impediu o surto do socialismo cristão pregado e instituído pelo papa Leão XIII? Seria útil que nós tivéssemos

o exclusivo, a patente, a marca registrada, o uso único desse método de luta, ou pelo menos o qualificativo. Mas os inimigos não escolhem armas por malignas e traiçoeiras que sejam.

Ante um sindicalismo agressivo, educador e revolucionário, criam um sindicato tapeador, cristão, legal, água de rosa, pó de arroz, que de sindicalista só tem a máscara, a gazua, o engodo que mistificam os pobres e inconscientes trabalhadores que acreditam em seus pastores e impostores caudilhos, políticos ou sacerdotes. Então, só porque todos o usam para fins diferentes não presta? Numa época em que o anarquismo e o sindicalismo não existiam inventou-se a imprensa. Seria bom que só nós nos utilizássemos dela. A verdade, porém, é que ela serve a todos os partidos e a todas as seitas e a quem mais serviu e serve foi à religião católica e basta saber que o primeiro livro que Gutenberg imprimiu foi a Bíblia.

Vamos só por isso abandonar a imprensa? Só porque serve a todos vamos dizer que não presta e que está desacreditada?

Certamente o sindicalismo ou as associações de classe ou de resistência – deem-lhe o nome que queiram – precisa mais do que nunca – preparar-se para afrontar, debater, estudar, resolver e debelar questões prementes e formidáveis que a guerra e a presente crise social que avassala e abala o mundo bur-

guês – capitalista produziu, provocou e avolumou, as quais precisam solução rápida e radical, do contrário a classe proletária ver-se-á precipitada, mergulhada e envolvida numa situação de miséria horrorosa, sem emprego, sem trabalho e sem pão. Não há outro dilema: Revolução ou Escravidão. A salvação da burguesia reside na servilização completa e total do proletariado; dar a este um ordenado miserável, irrisório, para ela baratear o preço dos artigos e poder fazer concorrência aos produtos congêneres mundiais. A burguesia quer vencer as dificuldades, não à sua custa, mas à custa do trabalhador, do operário, do pobre, sem apoio e amparo. Ela não sonha nem por sombra em diminuir os seus gastos, em renunciar seus privilégios de casta e de classe, em abandonar as regalias que lhe conferem a posse do poder, a posse do outro e a posse das grandes propriedades. Desta forma só tem uma saída. Desapertar para o lado do trabalhador. Como sempre, a corda quebra para o lado mais fraco.

Desta forma, os trabalhadores devem se preparar para a Revolução. Só esta os impedirá de cair no mais negro cativo.

Mas não é só. O sindicato deve ser centro de luta no presente e núcleo de estudo e de preparo para o futuro. Dada uma queda fragosa da burguesia, dado um abalo na estrutura burguesa que a derrube, os trabalhadores sin-

dicados devem estar preparados para a vida social, [para que] a produção e distribuição de gêneros alimentícios e outros não sofra interrupção prolongada, o que viria afetar a marcha normal da Revolução. Um grande metrópole como São Paulo e Rio, se ficasse dias, semanas, sem receber os alimentos frescos no mercado para o consumo de seus habitantes, poderia ser presa das mais complicadas consequências. Depois, um país em revolução pode ser vítima dum bloqueio por parte dos países que continuassem aferrados à exploração burguesa. Nesse caso,

diante duma perspectiva semelhante, é necessário que cada categoria de operários saiba e esteja a altura de poder remediar, com gêneros e matéria prima nacional, a falta produzida pela suspensão das importações. Por exemplo, os sapateiros. Seria necessário que tivessem ideias muito nítidas, muito exatas, de como poderiam remediar com couros nacionais, a falta de couro estrangeiros ou qualquer produtos importados, próprio para a fabricação de calçados. E o mesmo se diga para cada uma das outras profissões de trabalho útil, inadiável, indispensável.

**Adelino de Pinho** foi militante anarquista, diretor da Escola Moderna nº2 de São Paulo. Em 2012, a Biblioteca Terra Livre publicou o livro *Pela Educação e pelo Trabalho*, reunindo textos de sua autoria.